

Olympio afirma que Funai é coerente

**Ismarth diz
que notícia
foi "acinte"**

"O acinte está numa reportagem assinada depois de uma proibição". A declaração é do general Ismarth de Araújo Oliveira, ao explicar a demissão do antropólogo Olympio Serra da Divisão de Pesquisa do órgão, ocorrida ontem pela manhã. Olympio foi considerado duplamente "indisciplinado" pelo general, por não obedecer a portaria da Funai que proíbe declarações à imprensa sobre política indigenista e publicar no Jornal de Brasília do dia 21 deste mês uma longa matéria sobre sua atuação a frente do Parque Nacional do Xingu, de onde havia sido afastado em novembro último também por "indisciplina", ao discordar das filmagens para a novela Aritana.

Ao analisar a matéria publicada no domingo, o general disse que Olympio Serra "atacou a presidência da Funai, citando especificamente a denúncia do antropólogo sobre o envolvimento do órgão com agropecuárias para a demarcação do parque, que teria prejudicado a reserva Jarina dos Txukahamãe, reduzindo em 20 quilômetros a área legalmente pertencente aos índios. Na matéria, Olympio fala que, nas negociações com os índios, a presidência da Funai lhes prometeu uma estrada ligando duas fazendas e critica a medida, explicando que agora os índios "cobram, apenas, uma promessa que lhes foi feita, nascida de cabeças pouco iluminadas do Planalto Central". Perguntando sobre a veracidade da informação sobre a promessa, o general respondeu "eu de fato não me lembro".

Na coletiva aos jornalistas, o general também criticou a reportagem publicada por Edilson Martins na revista Isto é, afirmando que matérias deste tipo são "inconvenientes" e "não conduzem a nada". Para ele, Olympio deveria ter esperado que o presidente da Funai assumisse sua defesa, sem explicar, no entanto, porque esta ainda não havia sido feita. Ismarth elogiou o trabalho de Olympio: "reconheço seu valor, mas houve reincidência de indisciplina, tive que mandá-lo embora".

Sobre as acusações de Apoena Meirelles e Edilson Martins, de que Olympio teria introduzido um "circuito de tv" no parque, o general disse que autorizou a utilização de um aparelho de VT e que o plano de educação elaborado pela equipe de Olympio deve prosseguir, como exigem os índios que transmitiram esta reivindicação ao próprio presidente Geisel.



Alegando reincidência indisciplinar o general Ismarth demitiu Olympio Serra que diz ter atuado em defesa própria

Mais um ato de arbítrio

André Gustavo Stumpf

A exoneração do sertanista Olympio Serra é um ato de arbítrio puro e simples. De acordo com a palavra do general Ismarth de Oliveira, o sertanista, ex-diretor do Parque Nacional do Xingu, cometeu um delito de opinião, pois expressou a sua, por inteiro e com absoluta clareza, sem os comedimentos da oportunidade, através do *Jornal de Brasília*, edição de domingo passado.

A questão do índio brasileiro já é, por si, complexa para sofrer a influência dos humores autoritários de um órgão, como a Funai, que, paradoxalmente, existe para dar corpo, forma e liberdade ao ideal de fortalecimento da nação índia. Ao contrário, a atuação do branco é tuteladora, inibidora de qualquer iniciativa de criação e, enquanto tal processo se

desenha com nitidez em nome da pretensa liberdade indígena, o país branco e oficial foi criando seus mitos.

Mas mito é mito e não pode sofrer contestação. Tal é assim que antes de responder às eventuais acusações feitas por Olympio Serra, a direção da Funai, junto com seus mitos, apressou-se em exonerar seu experimentado sertanista. Além do autoritarismo, nesta época de despojado da treva simbolizada pelo AI-5, os mitos tremem com a simples ameaça de um exame desapassionado da realidade. A treva tem subprodutos não contabilizáveis quando se examina a questão política da sociedade. A ausência de discussão faz o ídolo, que como se sabe tem pés de barro. É a crítica, sincera e objetiva, não provoca a resposta, mas a agressão. Afinal de contas tem sido assim

também na política indigenista brasileira. Ao invés de terras, promessas e vez por outra uma agressão para que o índio retorne à docilidade do zoológico humano onde é exposto ao interesse dos antropólogos de plantão.

O desencontro de opiniões não é sinal de insubordinação. Ao contrário deve indicar o saudável trânsito de idéias, desde que o patrulheirismo de mitos ou o autoritarismo de instituições não impeçam a circulação do pensamento. A Funai, criada para resolver o problema do índio, não o faz, mas exonera quem se arrisca a debater aquele problema. O que nunca será nem rima, nem solução apenas o exemplo vivo de alienação consciente e consentida que vai durar enquanto a sociedade permitir.

"Já estava difícil permanecer fora de lista tão ilustre e, o que é mais, em companhia de um torturador de índios", desabafou o antropólogo Olympio Serra, em nota distribuída à imprensa ontem, quando explicou sua atitude frente às acusações que vinha sofrendo desde novembro. A referência a um "torturador" está relacionada a um inquirido, bastante conhecido em curso na Funai desde julho, sem maiores providências, até agora envolvendo um coronel acusado de torturar índios no Maranhão.

Sobre a justificativa Funai para a sua demissão — reincidência de indisciplina, por ter publicado matéria assinada no *Jornal de Brasília* — Olympio Serra esclareceu que evitou ao máximo as declarações à imprensa. "Mas foram se sucedendo pronunciamentos e insuações de falhas e ineficiência, e me vi forçado a escrever a matéria para não incorrer em omissão", afirmou.

A NOTA

"O Ato Administrativo do general Ismarth de Araújo Oliveira nos dispensando dos quadros da Funai é, pelo menos, coerente com a sua Administração. Afinal, durante a sua gestão, a Funai se desfez de médicos, antropólogos e indigenistas de inegável dedicação e eficiência, como: Irineu Castro, Ramilton Souto Lemos, Franklin Roosevelt, Gois da Silva, José Alfredo Guimarães, Carlos Moreira Neto, David Price, Kenneth Taylor, Peter Silverood Cope, Celina Braga, Iara Ferraz, Eni Oliveira, Gilberto Azanha, Oswaldo Paulo Balthazar e alguns outros. Já estava difícil permanecer fora de lista tão ilustre e, o que é mais grave, em companhia de um torturador de índios".

"É coerente, também, com a sua participação na crise do Parque Nacional do Xingu, quando se observou a já comentada inversão de papéis entre comandante e comandado, cabeça e membros inferiores, general e sargento. Inversão esta que o general Ismarth consumou até as últimas consequências."

A maioria das demissões citadas por Olympio também tiveram como justificativa problemas de "disciplina", e para Olympio elas refletem o absolutismo que um presidente da Funai tem condições de exercer.

"Desde Rondon que não conseguimos formar uma geração forte de indigenistas. As grandes vocações que surgem são fulminadas por indisciplina", diz Olympio. "É isto que representa um problema grave para o indigenismo oficial brasileiro — continua — pois ele precisa passar a utilizar uma mão-de-obra especializada, que dispõe de instrumentos teóricos e pode propor saídas para esse dilema que envolve a convivência entre as comunidades indígenas e a nossa sociedade. A proposta é demonstrar que desenvolvimento e minorias indígenas não são necessariamente incompatíveis". Olympio

lamentou ainda a interrupção dos cursos de formação de técnicos, pois embora "os melhores não aguentem a Funai, não existe no momento outra alternativa para formação de pessoal".

O antropólogo confirmou, de outro lado, o afastamento do parque, de Rui Cotrim (chefe do posto Leonardo), Susana Grilo Cotrim (professora) e Rosa Maria Costa Pena, (auxiliar de administração), conforme ofício assinado por Apoena Meirelles há uma semana e que teve ocasião de ler enquanto ainda estava na Funai. Estas pessoas constituem a equipe básica para a aplicação do plano de educação defendido pelos índios, e para Olympio "o pior aspecto desta crise é que ela assumiu um caráter punitivo generalizado e sobreposto aos interesses indígenas".

Em sua entrevista de ontem, o general Ismarth afirmou que este plano seria mantido, e que desconhecia o afastamento da equipe. Comenta Olympio: "eu não sei até que ponto esta afirmação é real. Esta equipe é que teria condições de levar o plano adiante".

O plano — baseado na sociologia de contato — visava à apreensão do mundo branco através das experiências vividas por outros grupos étnicos minoritários. Sua aplicação estava sendo iniciada com grande sucesso, tanto que os líderes indígenas, quando vieram em dezembro a Brasília pedir o retorno de Olympio ao parque, não esqueceram de também solicitar ao presidente Geisel que o plano de educação não fosse alterado.

Sua aplicação, segundo Olympio está embasada na defesa da autonomia das comunidades indígenas, e ele faz questão de definir sua posição: "estamos defendendo uma autonomia, e não uma emancipação, no sentido em que ela é posta. É preciso respeitar a autonomia inter e intra-tribal. Da mesma forma, também no nível inter-étnico a autonomia deve ser respeitada. Quando o índio assume sua própria defesa frente a outro grupo étnico, não podemos assumir uma atitude paternalista", concluiu.

O CIMI e a Comissão Pró-Índio distribuíram nota à imprensa ontem, protestando contra a demissão do antropólogo. O CIMI aponta o ato como "uma arbitrariedade ditada por interesses escusos", em que o grande derrotado é o próprio índio. Em sua nota, a Comissão Pró-Índio "expressa seu repúdio a mais este ato de arbitrariedade", solicitando o esclarecimento de toda a situação.

"Se a Funai não resolver o problema de nossas terras até sexta-feira, no sábado nós vamos atacar de novas fazendas, como fizemos no dia 29 de dezembro". A afirmação foi feita ontem pelo índio Arodi, chefe dos xavantes da reserva de Pimentel Barbosa (MT), que reivindicam cerca de 170 mil hectares de terras que foram desmembradas da reserva.